

1
2
3
4
5
6
7
8

IMPLÍCITOS E PRESSUPOSTOS: A ANÁLISE DE LETRAS DE MÚSICA ENTRE UNIVERSITÁRIOS

Daniel de Andrade (UVA)
danielsantamariarj@gmail.com
Rodrigo Gomes (UVA)

9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de uma análise dos implícitos presentes nas letras das músicas "O Meu Guri", de Chico Buarque (1981) e "Formato Mínimo", de Samuel Rosa (2003), sob a ótica de universitários do curso de letras de uma universidade privada do Rio de Janeiro. A análise teve como objetivo mapear o reconhecimento dos universitários com relação aos recursos estilísticos utilizados pelos autores, como implícitos e pressupostos. Foi criado pelos autores do artigo um questionário individualizado para cada letra de música, analisando a interpretação de cada entrevistado. A pesquisa qualitativa contou com a participação de sete universitários, os quais responderam aos dois questionários. O resultado mostra uma deficiência no reconhecimento de tais implícitos, contrapondo-se ao que se espera de estudantes de nível superior, aspirantes ao magistério. A análise teve como base os estudos desenvolvidos por Eliane Yunes (1995) no que diz respeito à leitura e a interpretação de texto, bem como as definições de Francisco Platão Savioli e José Luiz Fiorin (2001).

Palavras-chave: Implícitos. Pressupostos. Música. Interpretação. Leitura.

25
26
27
28
29
30
31
32
33
34

1. *Considerações iniciais*

A leitura e a interpretação de textos são assuntos correntes desde dissertações de mestrado a simples trabalhos acadêmicos. Trata-se de um problema crônico que profissionais da área da educação enfrentam todos os dias em sala de aula. A importância da discussão a respeito do tema se dá pelas consequências atribuídas à falta de leitura e deficiência na interpretação de textos. Segundo Eliane Yunes (1995) a escola vem formando cidadãos que conseguem ler um anúncio de "proibido fumar", mas que não são capazes de não fumar naquele local; cidadãos que leem "fila única", mas se amontoam mesmo assim, esperando uma chance de "furar fila".

35
36
37
38
39

Percebe-se, portanto, que a deficiência no entendimento do texto, seja ele de qual importância for, extrapola as paredes da escola. O problema se torna presente desde o entendimento de simples frases presentes em nosso dia a dia, até a análise de propostas de candidatos políticos, por exemplo. Desta forma, o presente artigo abordará o tema de leitura e in-

1 interpretação, não em sala de aula na escola, mas na universidade, com es-
2 tudantes aspirantes ao magistério. Pois se o professor é um dos principais
3 agentes na formação de bons e eficientes leitores, então há de se olhar
4 com mais atenção à sua formação acadêmica.

5 Como afirma Eliane Yunes (1995), muitos professores de ensino
6 básico não gostam de ler ou não encontram espaço em suas rotinas para
7 tal atividade. Isso ocorre provavelmente pela falta de estímulo durante a
8 formação básica desses indivíduos, que se tornam professores e passam a
9 ter um papel fundamental na formação de novos leitores, porém eles
10 mesmos não são bons leitores, como se espera. Muitos podem se pergun-
11 tar se uma pessoa pode adquirir o hábito da leitura no decorrer da vida,
12 mesmo não tendo sido apresentado aos livros enquanto criança. Perce-
13 bemos que sim, existem exemplos de pessoas que descobrem o prazer da
14 leitura depois de se tornarem adultos, durante a passagem pela universi-
15 dade, por exemplo.

16 É nesse ponto que manteremos nosso foco, na análise da interpre-
17 tação e percepção de textos e de seus operadores linguísticos por univer-
18 sitários do curso de letras de uma universidade privada do estado do Rio
19 de Janeiro. A seleção dos entrevistados foi feita com base na afirmação
20 do desejo de cada um em se tornar professor e trabalhar em sala de aula,
21 tendo em vista que alguns optam pelo curso de letras, mas não desejam
22 seguir carreira no magistério.

23 Ao tratarmos de operadores linguísticos, como pressupostos e im-
24 plícitos usados como recurso estilístico, a escolha dos textos foi feita le-
25 vando em consideração o tamanho do texto e sua riqueza linguística, a
26 fim de que se pudesse obter o melhor resultado com relação à presença
27 desses fenômenos da língua. Deste modo, a opção mais adequada para
28 trabalharmos na pesquisa aqui apresentada foi a letra de música. Tendo
29 em vista a vasta oferta presente em nosso país e o fato de universitários,
30 em regra, terem apreço por música, duas letras de canções conhecidas fo-
31 ram selecionadas: "Formato Mínimo", de Samuel Rosa (2003) e "O Meu
32 Guri", de Chico Buarque (1981).

33 Como um gênero textual, a música é aqui apresentada apenas no
34 que diz respeito à parte que é expressa pelas palavras ou léxicos, falado,
35 escrito ou cantado, excetuando-lhes a parte melódica, que não trataremos
36 neste artigo. As letras de música são dotadas de possibilidades comunica-
37 tivas, interacionais e de expressão. Elas carregam artifícios de linguagem

1 formal e informal, pressupostos, subentendidos, implícitos e explícitos,
2 além de intenções amorosas, religiosas, culturais e etc.

3 Foram selecionados sete estudantes de letras, com aspirações ao
4 magistério; a cada um deles foi entregue duas letras de música ("Formato
5 Mínimo" e "O Meu Guri") com algumas perguntas a respeito do enten-
6 dimento da história contada em cada letra de música. Os resultados obti-
7 dos chamam atenção para a falta de entendimento e reconhecimento de
8 pressupostos e implícitos. O tempo utilizado para a formulação das res-
9 postas também revelam o pouco interesse e cuidado na análise do texto,
10 levando-nos a observar a falta de profundidade nas respostas.

11 Segundo Eliane Yunes (1995) “vamos à escola ‘aprender a ler’ e
12 saímos de lá detestando tudo que se relacione com ela: estudo, pesquisa,
13 redação etc.”. A compreensão das letras de música é apenas uma entre a
14 enxurrada de gêneros textuais escritos ou orais espalhados à nossa volta e
15 que exigem interpretação e reconhecimento além da informação explíci-
16 ta. Levando em consideração o foco do trabalho aqui apresentado, os
17 universitários, identificamos dificuldades no reconhecimento de implíci-
18 tos e pressupostos, usados como recursos estilísticos pelos autores das le-
19 tras de música.

21 2. *Fundamentação teórica*

22 As análises aqui apresentadas a respeito das letras de música par-
23 tem de uma definição básica no que se refere a um texto: “Um texto pos-
24 sui coerência de sentido, o que significa que ele não é um amontoado de
25 frases. Ao contrário, é um todo organizado de sentido” (SAVIOLI & FI-
26 ORIN, 2001, p. 13). Essa definição nos serve como base principal, pois
27 se trata de um marco introdutório em qualquer análise textual. No traba-
28 lho em conjunto dos professores citados acima, é possível perceber o
29 quanto as definições básicas a respeito de um texto são importantes e até
30 necessárias para uma boa leitura, e por consequência, uma boa interpre-
31 tação.

32 Depois de quebrar o paradigma de que o texto é apenas “tudo
33 aquilo que é escrito”, congruentemente definimos como *texto* sendo tudo
34 aquilo que é dotado de sentido para se transmitir uma ideia. A linguística
35 o separa em dois aspectos: o primeiro, mediante a perspectiva construtiva
36 (ou seja, narrativo, descritivo, argumentativo, injuntivo e expositivo), de-
37 finido assim de acordo com sua tipologia; o segundo, com suas mais va-

1 riadas formas, ou seja, o gênero a que pertence, que é enquadrado de
2 acordo com sua utilização no contexto comunicativo em que os interlo-
3 cutores estão inseridos.

4 Desde artigos acadêmicos, passando por epopeias, romances, no-
5 velas, contos, crônicas, até o mais simplório bilhete, os gêneros textuais
6 são escolhidos de maneira a se adaptar melhor àquilo que se tem intenção
7 de transmitir.

8 Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar ver-
9 balmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar
10 verbalmente a não ser por algum texto. Em outros termos, partimos da ideia de
11 que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Esta visão
12 segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privi-
13 legia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da
14 língua. Afirma o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo de atividade
15 constitutiva da língua, o que equivale a dizer que a língua não é vista como
16 um espelho da realidade, nem como um instrumento de representação dos fa-
17 tos. (MARCUSCHI, 2002, p. 03)

18 Para tanto, essa produção comunicativa deve ser norteadada por um
19 princípio de compreensão de seu conteúdo. Pois, sendo o texto construí-
20 do por elementos usados como conectores, estes precisam estar articula-
21 dos de forma harmoniosa para que o sequenciamento das ideias se mostre
22 de modo lógico, é o que se chama de coesão. Da mesma forma e com a
23 mesma relevância, a coerência consiste na necessidade da uniformidade
24 lógica dessas ideias amarradas. Assim, independente da forma como se
25 apresenta, tipologicamente ou em determinado gênero, o texto deve ser
26 coeso e coerente.

27 Um texto será coerente, quando nele não houver nada ilógico, desconexo,
28 contraditório, não solidário; quando suas partes mantiverem compatibilidade,
29 continuidade de sentido umas em relação às outras [...] enquanto a coesão, por
30 sua vez, diz respeito à ligação das frases ou orações do texto, por elementos
31 que garantem sua concatenação ou retomam o que foi dito. (PLATÃO & FI-
32 ORIN, 2001, p. 13)

33 Contudo, devido a alguns recursos linguísticos em que informa-
34 ções são expressas informalmente, de modo implícito, pode haver difi-
35 culdade de interpretação, uma deficiência oriunda de uma leitura realiza-
36 da sem os recursos necessários à apreciação do texto. Para José Marcos
37 de França (2012, p. 21) “A leitura é um processo que, dentro dos precei-
38 tos das teorias pragmáticas, implica reconhecer os implícitos e fazer infe-
39 rências que determinado texto possibilite”. Observa-se assim, que se a
40 leitura não ocorre desta forma, em um processo analítico, buscando seu
41 conteúdo de forma integral, entende-se que houve uma ruptura no pro-

1 cesso de aprendizagem do leitor, ou seja, em sua formação enquanto leitor.
2

3 Desta forma, conseguimos reconhecer a dificuldade de construir
4 leitores eficientes. No Brasil, isto se dá de uma maneira mais irregular
5 ainda, já que não estamos acostumados tradicionalmente com essa formação.
6 Assim, é papel dos educadores, localizar e sinalizar qual fragmento da máquina produtora de leitores pode estar falhando, com relação
7 à interpretação. Maria Cecília de Oliveira Micotti (2009) evidencia falhas
8 o processo de formação de professores, que tem sido objeto de políticas
9 públicas resumidas às palestras ou cursos sobre inovações pedagógicas
10 que acentuam o papel do aluno na construção de seus saberes.
11

12 Maria Cecília de Oliveira Micotti (2009, p. 263) ainda nos revela
13 as resistências do professorado às orientações correspondentes ao ensino
14 padronizado. “A situação se complica, entre outros motivos, porque as
15 oportunidades oferecidas aos integrantes do magistério, ao se graduarem
16 no ensino superior, consistem em cursos aligeirados”. Entende-se assim,
17 que o desenvolvimento do aluno leitor deve ser permanente, começando
18 na educação básica e passando por uma estrada que deve ser contínua até
19 a formação acadêmica, observando ao longo dessa jornada habilidades de
20 desvendar o texto em sua totalidade.

21 Percebemos assim, que a falha na formação de leitores eficientes
22 se dá em parte pela deficiente formação dos professores, sendo eles os
23 principais agentes na função do aprendizado da leitura e interpretação de
24 textos. Teresa Colomer (2002) admite que o processo de construção de
25 interpretações a partir de leituras é uma questão bem “espinhosa”, no que
26 se refere aos elementos analisados sobre os fenômenos mais simples da
27 capacidade de absorver a informação. Logo, uma formação bem sedimentada,
28 com professores preparados para essa missão, se mostra essencial
29 para formação de bons leitores, ainda na escola.

30 Em sua pesquisa sobre a formação do leitor, Teresa Colomer
31 (2002) escreve que a partir da década de 1980, através de estudos cogni-
32 tivos, surgiu um olhar mais atento para o processo ineficiente de formação
33 de leitores realmente competentes, desde buscaram-se novas perspectivas
34 na construção do ensino da leitura, com objetivo de criar leitores
35 perscrutadores. Contudo, sabemos que o processo de interpretação de
36 textos, ou seja, o progresso do aluno como leitor eficaz, depende de fatores
37 que vão além do conhecimento das palavras, ou da capacidade de conectá-las
38 gramática ou semanticamente de maneira correta.

1 A leitura elucidada dependendo do gênero, adicionado aos recur-
2 sos empregados pela intenção do autor requer um prévio conhecimento
3 de mundo, de forma que somente inserido no universo comum ao que se
4 propõe transmitir através do texto seja possível sua interpretação absolu-
5 ta.

6 Um texto é produzido por um sujeito num dado tempo e num determinado
7 espaço. Por isso, ele revela ideias, anseios, expectativas, temores, enfim uma
8 visão de mundo da formação social em que está o seu produtor. Por essa razão
9 é um objeto integralmente histórico, não no sentido de que narra os aconteci-
10 mentos de sua época, de que nos mostra os ideais e as concepções presentes
11 numa dada sociedade. (PLATÃO & FIORIN, 2001, p. 15)

12 Assim, sem o conhecimento prévio da intertextualidade presente,
13 um texto pode não conseguir transmitir satisfatoriamente sua mensagem,
14 ressaltando que não são apenas os elementos linguísticos que resultarão
15 na compreensão do texto, mas principalmente os elementos extralinguís-
16 ticos os farão de maneira eficiente. Deve-se observar que os fatores ex-
17 tralinguísticos, intencionalmente são usados quando se quer atingir o re-
18 ceptor de uma forma exclusiva.

19 Ao lidarmos com as marcas implícitas presentes nos textos, nosso
20 conhecimento extralinguístico terá um papel importantíssimo na emprei-
21 tada de percepção desses recursos utilizados de maneira indireta. Essas
22 marcas podem acentuar a ineficácia do leitor como interpretador quando
23 a opção do gênero textual selecionada para transmitir a proposta comuni-
24 cativa não dispõe de uma atenção prévia de seu conteúdo transmissor de
25 mensagens.

26 Observa-se assim, que a identificação dos implícitos faz parte da
27 interpretação e compreensão de um determinado texto. José Marcos de
28 França (2012, p. 63) conceitua “A ideia de implícito em um texto, como
29 aquilo que está presente pela ausência, ou seja, o conteúdo implícito pode
30 ser definido como o conteúdo que fica à margem da discussão porque ele
31 não vem explicitado no texto”. Assim, reconhecer os implícitos presentes
32 no decorrer da leitura requer do leitor o reconhecimento de seu papel
33 como leitor capacitado por uma leitura prática, consciente e não intuitiva.
34 Acima de tudo buscando os recursos que o texto tem para oferecer, como
35 os pressupostos e subentendidos e não apenas o posto, visível, que é ape-
36 nas a escrita verbal direta.

37 O gênero textual letra de música é um meio de comunicação, que
38 por razões estilísticas ou necessárias, pode se mostrar carregadas de im-
39 plícitos, para exercitar a habilidade de interpretação de quem já passou

1 (deveria ter passado) pelo aprendizado disponibilizado nas fases iniciais
2 da educação, os universitários, que teoricamente, durante suas trajetórias
3 de ensino fundamental e médio acumularam conhecimento de mundo pa-
4 ra interpretação de tais recursos. Conclui-se deste modo, que um lei-
5 tor/ouvinte necessita do reconhecimento de todos os elementos explícitos
6 e implícitos, somados à sua base extralinguística, para uma eficiente in-
7 terpretação de um determinado texto.

8 Todos os textos apresentam explicitamente certas informações e, ao mes-
9 mo tempo, transmitem outras de maneira implícita. Os implícitos da lingua-
10 gem dividem-se em pressupostos e subentendidos. Informações implícitas são
11 aquelas que o texto parece não dizer, mas diz. O leitor precisa, para compre-
12 tender bem o sentido de um texto, entender tanto o que é afirmado de modo
13 explícito, quanto o que é dito implicitamente. Um bom leitor é o que sabe ler
14 nas entrelinhas, pois, se não o fizer, corre o risco de não apreender exatamente
15 o que se quis dizer ou de concordar com pontos de vista que, tornado explíci-
16 to, rejeitaria. (PLATÃO & FIORIN, 2001, p. 169)

17 Deve-se levar em consideração que a música além de se encontrar
18 muito presente, não apenas no dia a dia do aluno como cidadão dotado de
19 senso crítico para apreciar ou rejeitar seus conteúdos, ela também é muito
20 utilizada como objeto de estudo e análise na educação básica e média por
21 possuir o recurso de disponibilizar os mais variados temas presentes na soci-
22 edade atual e anteriores. As letras de música permitem o desenvolvimento
23 de leituras críticas com interpretações favorável ou contrária a um assun-
24 to/tema construindo leitores mais atentos. Visto que, muitos compositores
25 utilizam-se deste gênero como uma linguagem característica para se transmi-
26 tir a mensagem intencionada, como as letras de música do período Militar
27 no Brasil, que eram compostas expressando, com seus pressupostos e suben-
28 tendidos, a insatisfação ou a crítica contra o Regime.

29 Pressupostos são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem
30 logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase [...]
31 Subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação con-
32 tidas numa frase ou num conjunto de frases. (PLATÃO & FIORIN, 2000, p.
33 244 e 310)

34 35 **3. Resultados**

36 A compreensão de determinados elementos linguísticos está con-
37 dicionada à capacidade interpretativa, variando do modo elementar ao
38 mais apurado nível de conhecimento intertextual de cada ouvinte, ou lei-
39 tor – uma vez que se comporta como decodificador de uma mensagem
40 expressa através de intenções e construções textuais com um fim objeti-
41 vo. Vemos assim, a necessidade de um conhecimento de mundo prévio

1 que determina o êxito na interpretação dos signos linguísticos e extralin-
2 guísticos.

3 Como nos mostra Maria Cecília de Oliveira Micotti (2009) a inter-
4 pretação de texto é esperada e avaliada em todos os níveis e etapas de
5 ensino, começando desde a primeira infância, isto é, no processo inicial
6 de compreensão de imagens e sons e vai até o último momento de luci-
7 dez do indivíduo.

8 Na letra "O Meu Guri" (1981), os entrevistados responderam sete
9 (7) perguntas a respeito do entendimento do texto, todas elas tendo como
10 chave de interpretação o reconhecimento de implícitos e pressupostos.
11 Vale ressaltar que o compositor de "'O Meu Guri'", Chico Buarque, ape-
12 sar de ter vivido intensamente o período da ditadura, ao escrever esta
13 canção, em 1981, usou recursos linguísticos não por necessidade e sim
14 por estilo.

15 A primeira pergunta do questionário era: "1 – *Quem é o eu lírico e*
16 *qual o seu grau de instrução?*". A expectativa de resposta era: "*a mãe do*
17 *Guri, que é analfabeta*". Verifica-se a resposta nos seguintes versos e es-
18 trofes:

19 Quando seu moço, nasceu meu rebento
20 Não era o momento dele rebentar[...]

21 Verifica-se que o Guri é filho do eu lírico ("meu rebento"). Não
22 temos o sexo definido, mas pelo conhecimento de mundo, observa-se que
23 o compositor se refere às milhares de mães brasileiras que têm seus fi-
24 lhos sem o apoio do pai/parceiro. Nesse caso específico o texto ainda su-
25 gere que ele tenha nascido prematuro.

26 Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
27 Chave caderneta, terço e patuá

28 Um lenço e uma penca de documentos
29 Pra finalmente eu me identificar
30

31 Nessa estrofe observa-se que a mãe não tem documentos de iden-
32 tificação. Implicitamente o compositor nos revela que ela é provavelmen-
33 te analfabeta, pois quem estuda necessita de documentos para se matricu-
34 lar na escola. A não ser que ela seja autodidata, o que se verifica não ser
35 o caso. Apenas três (3) entrevistados dos sete (7), responderam de acordo
36 com as expectativas. Um (1) respondeu ser o pai analfabeto, como eu lí-
37 rico; dois (2) responderam ser o pai, mas não souberam identificar o grau

1 de instrução; um respondeu que o eu lírico era o próprio Guri que é for-
2 mado na faculdade.

3 As duas perguntas seguintes eram: “2- *Qual a profissão do Guri?*
4 E 3 – *O que o eu lírico pensa sobre o Guri?*”. A expectativa de resposta
5 era: 2 – “*ladrão.*” E 3 – “*ela sente orgulho do filho*” A resposta se encon-
6 tra em:

7 Chega suado e veloz do batente
8 Traz sempre um presente pra me encabular
9 Tanta corrente de ouro, seu moço
10 Que haja pescoço pra enfiar
11 Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro [...]

12 Chega estampado, manchete, retrato[...]
13 O Guri no mato, acho que tá rindo
14 Acho que tá lindo de papo pro ar
15 Desde o começo eu não disse, seu moço!
16 Ele disse que chegava lá... olha aí!
17

18 Nesses trechos observa-se o pressuposto que o Guri trazia objetos
19 roubados e dava-os de presente para sua mãe, como bolsa e corrente de
20 ouro, pois ele não teria como conseguir esses objetos de outra forma.
21 Percebe-se também o orgulho da mãe pelo fim do filho na capa do jornal.
22 Para a pergunta 2, quatro (4) entrevistados responderam que o Guri era
23 ladrão; dois (2) responderam que era desempregado, sem profissão; um
24 (1) respondeu que o Guri era advogado. Para a pergunta 3 todos os sete
25 (7) entrevistados responderam, cada um a sua maneira, que a mãe sentia
26 orgulho do filho.

27 As perguntas 4 e 5 eram, respectivamente: “4 – *Quem poderia ser*
28 *esse tal ‘moço’?* e 5 – *Qual a idade do Guri?*”. As respostas esperadas
29 eram: 4 – “*um policial ou repórter*” e 5 – “*menor de idade*”. Pode-se ana-
30 lizar a resposta 4 no contexto geral da história, pois trata-se de um con-
31 versa que a mãe tem com alguém que ela não conhece e, que devido ao
32 fim de seu filho, foi ao seu encontro. Portanto, supõe-se que é um polici-
33 al ou um repórter do jornal. Já a resposta 5 verifica-se no seguinte trecho:

34 Chega estampado, manchete, retrato
35 Com vendas nos olhos, legenda e as iniciais [...]

36 O fato de ter venda nos olhos na capa de um jornal revela o pres-
37 suposto que o Guri era menor de idade. Na pergunta 4 apenas dois (2) en-
38 tervistados responderam que o “moço” se trata de um policial; dois (2)
39 responderam que seria um transeunte; um (1) que era o jornalista da ban-

1 ca na qual ela viu o jornal; um (1) respondeu que seria o pai do menino;
2 um (1) que era o próprio filho da mulher.

3 As duas últimas perguntas do questionário foram: “6 – *Que fim*
4 *levou o Guri?* E 7 – *Qual a crítica presente no texto?*”. As expectativas
5 de resposta se dão pelo entendimento geral do texto, algo implícito e,
6 portanto, não óbvio e claro. Para a pergunta 6, apesar de não termos uma
7 resposta fechada, por conhecimentos extralinguísticos e experiência de
8 vida sabemos que quando alguém aparece na capa de um jornal com
9 vendas nos olhos está implícito que esse indivíduo foi preso ou morto pe-
10 la polícia. Pode-se notar isso nas duas últimas estrofes do texto:

11 Chega estampado, manchete, retrato
12 Com vendas nos olhos, legenda e as iniciais
13 Eu não entendo essa gente, seu moço
14 Fazendo alvoroço demais
15
16 O Guri no mato. Acho que tá rindo
17 Acho que tá lindo de papo pro ar
18 Desde o começo eu não disse, seu moço!
19 Ele disse que chegava lá... olha aí, é o meu Guri!

20 Para a resposta 6, três (3) entrevistados responderam que o Guri
21 foi preso, dente eles, um acrescentou que o Guri fugiu da cadeia; dois (2)
22 afirmaram que ele havia morrido; um (1) que respondeu somente que o
23 fim foi trágico; um (1) não soube responder. Para a pergunta 7, a resposta
24 seria: a crítica de todo um sistema que leva pessoas sem instrução e con-
25 dições mínimas de viver a cometer crimes e que por falta de estudos,
26 quem mais poderia repreender tais atitudes, termina apoiando, por total
27 ignorância. Dois (2) entrevistados responderam que a crítica do composi-
28 tor se dava sobre o pai (eu lírico), que foi irresponsável e omissa na cria-
29 ção do filho, um dos entrevistados acrescenta que o pai no fim das contas
30 acredita que não errou; um (1) afirma que a crítica é que os pais não co-
31 nhecem os filhos; um (1) não soube responder; apenas dois (2) afirmaram
32 que é uma crítica à ignorância que cega as pessoas, correspondendo as-
33 sim à expectativa de resposta.

34 Assim como em "O Meu Guri" (1981), em "Formato Mínimo"
35 (2003) foram utilizados recursos linguísticos por estilo, por se tratar de
36 uma canção estilizada pelo compositor Samuel Rosa, intérprete e gitar-
37 rista da banda mineira Skank, que adota essas características em traba-
38 lhos autorais e em parcerias com compositores com mesma proposta de
39 letras de música.

1 A expectativa em relação ao entendimento de "Formato Mínimo"
2 (2003) foi depositada com seis (6) perguntas aos mesmos entrevistados
3 para canção anterior em dias diferentes. A pergunta 1 do segundo questionário voltada à letra de música de "Formato Mínimo" (2003) foi: "*Para o rapaz (ele), qual a principal característica que a garota devia possuir?*" A expectativa dessa resposta seria: "*Aparência Física*", justificada nos seguintes versos:

8 Ele reparou nos óculos; Ela reparou nas vírgulas

9 O pressuposto presente nos versos contrapõe suas avaliações em relação um ao outro. Ela reparando nas vírgulas, sugere uma procura abstrata, sua conversa, seu vocabulário, seu perfil intelectual. Porém ele faz uma análise de aparência, como corpo, cabelo e olhos, o que o levou a reparar nos óculos. Contudo, apenas um (1) entrevistado interpretou nesse sentido com a resposta: "*Beleza*"; um (1) respondeu que "*Procurava Riqueza*", e o restante, ou seja, (5) entrevistados atribuíram os óculos a uma pessoa inteligente.

17 As perguntas 2 e 3 foram respectivamente: "*Que tipo de relação Ele procurava naquela noite?*" e "*Que tipo de relação Ela procurava naquela noite?*"; tendo a expectativa de que "Ele" procurava alguém só para uma eventual relação sexual, enquanto "Ela" procurava um possível consorte, uma relação à longo prazo, descrito nos versos:

22 Ela procurava um príncipe; Ele procurava a próxima

23 O implícito presente nesses versos é interpretado com o conhecimento de mundo onde sabemos que a referência a príncipe não está voltada a um monarca e sim a um homem cheio de qualidades. E a leitura obtida do termo "próxima" é feita presumindo que existiram outras mulheres antes dela. Assim, ele queria apenas mais uma para aquela noite. Diante dessa exposição. Satisfatoriamente, nessas duas perguntas os entrevistados se aproximaram da expectativa da resposta, utilizando palavras soltas. Nas respostas da pergunta 2; três entrevistados responderam: "*Sexo*"; Dois (2) entrevistados responderam: "*Sexo sem compromisso*"; um (1) entrevistado respondeu; "*Alguém para transar*". Nas respostas da pergunta 3; dois entrevistados responderam: "*Amor*"; Dois entrevistados responderam: "*Compromisso*"; um (1) entrevistado respondeu; "*Firmar um compromisso*"; um (1) entrevistado respondeu; "*Um príncipe*".

36 A pergunta 4 foi feita da seguinte forma: "*Por que para Ela a história foi trágica?*" Esperando a seguinte resposta: "*Porque ela percebeu suas verdadeiras intenções*". Pois Ela percebe que se entregou precoce-

1 mente, quando ele dormia “apático”, insensível ao acontecimento, ela es-
2 pecula que não significou nada para ele e resolve ir embora. Observado
3 nos seguintes versos:

4 Ele, enfim, dormiu apático[...]
5 Ela despertou-se tímida; Feita do desejo a vítima
6 Fugiu dali tão rápido; Caminhando em passos tétricos.

7 Um entrevistado respondeu: “*Ela transou na primeira noite*”, e
8 cinco entrevistados aproximaram suas respostas dizendo: “*Porque ele*
9 *fugiu*” ou “*Porque ele foi embora*”.

10 A pergunta 5: “*Por que para Ele a história foi trágica?*” É um
11 contraponto em relação à pergunta 4, pois esse paralelo mostra o desfe-
12 cho de ambos em suas buscas. Na seguinte expectativa de resposta: “*Ele*
13 *surpreendentemente se afeioou a ela, contudo não a encontrou mais*”.
14 Ou seja, ele não esperava que essa relação fosse diferente das outras, por
15 isso sentiu medo, percebeu que acontecera algo diferente, e declarou-se
16 dela. Com o armazenamento interpretativo que ela fugiria, então quando
17 ele acordou apaixonado, já não a tinha mais. Exposto nos seguintes ver-
18 sos:

19 O medo redigiu-se ínfimo; E ele percebeu a dádiva
20 Declarou-se dela o súdito; Desenhou-se a história trágica

21 Dois entrevistados responderam aproximando-se da expectativa
22 com as seguintes respostas: “*Porque não queria apenas aquela noite*”;
23 “*Porque ele se viu envolvido por ela*”; porém as outras respostas varia-
24 ram adversamente: “*Por ter usado a menina*”; “*Porque sentiu medo*”;
25 “*Porque sentiu se só*”; e “*Não queria fazer aquilo*”.

26 A última pergunta: “*O que é o Amor em seu "Formato Mínimo*
27 *?"*” Com a expectativa de resposta de que: “*É o relacionamento sem*
28 *nenhuma perspectiva de compromisso*”. Observada durante o decorrer da
29 canção, e melhor exposta nesses versos:

30 Para ele, uma transa típica; O amor em seu formato mínimo

31 A pergunta 6 foi respondida de formas variadas, contudo aproxi-
32 mando de uma maneira geral do sentido intencional de exposição da can-
33 ção. As respostas foram as seguintes: “*Uma relação sem amor*”; “*Sem*
34 *muito aprofundamento*”; “*Uma transa típica*”, “*Uma Transa apenas*” e
35 “*É no mínimo respeitar um ao outro*”.

36

1 4. *Análise de resultados*

2 Ao analisar as respostas referentes ao questionário da canção "O
3 Meu Guri" (1981), nota-se uma grave deficiência no reconhecimento de
4 elementos linguísticos fundamentais para o entendimento do texto. Im-
5 plícitos e pressupostos estão presentes em quase todos os textos que nos
6 deparamos no dia a dia, principalmente na língua falada. A leitura que
7 passa direto por esses elementos, sem ao menos reconhecê-los, serve
8 como um desserviço à leitura. Pois de fato, é melhor não ler um texto do
9 que o ler sem se entender por completo as intenções do autor. Uma inter-
10 pretação pela metade não pode ser considerada uma interpretação de fato.

11 Deixar escapar certos tipos de informação em um texto é mais do
12 que natural, afinal, às vezes, nem mesmo o autor consegue entender tudo
13 o que ele construiu, pois sabe-se que um texto só se dá por completo
14 quando chega-se ao destino final, o leitor. Ainda assim, certos elementos
15 não podem cair nesse esquecimento, do contrário o texto não atingirá seu
16 objetivo final, passar uma mensagem. Implícitos e pressupostos estão
17 nesse grupo que não pode ser deixado de lado.

18 Com a análise dos resultados do questionário, pode-se perceber,
19 que os futuros professores não estão preparados para ensinar as técnicas e
20 conceitos de leitura e interpretação de texto, afinal nem eles conseguem
21 reconhecer, em sua maioria, as bases que compõem uma leitura eficaz.
22 Como nos mostra Eliane Yunes (1995), metade da população brasileira
23 não gosta de ler, a outra metade não lê porque não sabe. Isso é grave no
24 sentido de que sem a leitura correta, a sociedade como um todo, não evo-
25 luiu. Vemos, portanto, que as graves falhas, no que deveria ser uma leitura
26 bem sedimentada por parte de universitários, aspirantes ao magistério, re-
27 fletirão em sala de aula, com os alunos, novos leitores.

28 Analisando o segundo questionário, referente à canção "Formato
29 Mínimo" (2003), observamos que na pergunta 1, quando os entrevistados
30 responderam que ele estava procurando alguém inteligente, notamos que
31 existe uma leitura de mundo equivocada em atribuir inteligência a al-
32 guém que usa óculos. Essa interpretação buscou mais recursos externos
33 do que os recursos presentes no próprio texto. As respostas da pergunta 2
34 e 3, apesar de estarem próximas às expectativas, mostra a inabilidade dos
35 alunos em elaborar respostas persuasivas ao questionador.

36 O resultado obtido na interpretação do texto em relação à pergun-
37 ta 4 mostra a dificuldade dos entrevistados de retomar elementos lingüís-
38 ticos presentes no decorrer do texto. Pois sempre o autor faz referência a

1 “Ele” e “Ela”, atribuindo-lhes as situações ou acontecimentos. Os alunos
2 não observaram que quando o compositor diz “fugiu dali”, ainda está se
3 referindo a ela. Assim, erroneamente interpretando que quem foi embora
4 foi ele e não ela. Na pergunta 5, com exceção de dois entrevistados, que
5 se aproximaram da expectativa, o restante usou elementos isolados do
6 texto como as palavras “medo” e “solidão” para responderem suas per-
7 guntas. E finalmente, a pergunta 5, excepcionalmente teve a resposta al-
8 cançada de forma eficaz, coerente com o perfil os entrevistados, mas ain-
9 da com a sensação de ausência de interesse em fundamentar suas respos-
10 tas.

11

12 5. *Conclusão*

13 Pode-se considerar que pelas letras de música, em sua grande
14 maioria, serem apenas cantadas melodicamente, elas não recebam a de-
15 vida atenção ao seu conteúdo escrito, suas intenções subentendidas ficam
16 em segundo plano numa avaliação não tão profunda. Os entrevistados ti-
17 veram acesso ao texto da canção por escrito e tempo para a análise; ainda
18 assim o resultado da interpretação se mostrou aquém do esperado para o
19 público em questão.

20 Diferentemente de outros períodos, como por exemplo, no Gover-
21 no Militar do Brasil (1964-1984), onde as letras de música precisavam
22 passar pelo crivo da censura, levando alguns compositores a usar como
23 recursos os implícitos e subentendidos para ludibriar a avaliação dos mi-
24 litares, os compositores mais recentes, usam por vezes, os mesmos recur-
25 sos, agora como proposta de estilo. Apesar de serem universitários, nota-
26 se o pouco reconhecimento desses recursos por parte dos entrevistados.
27 Pois se esperava um desempenho mais apurado em vez de deficiências
28 nas leituras. Pois se supõe que universitários, principalmente os do curso
29 de letras, tenham contato com leituras que requerem mais atenção e in-
30 terpretação, por estarem em meio acadêmico. Teresa Colomer (2002) ob-
31 serva que leitores que não possuem um conhecimento aprofundado sobre
32 as mediações culturais do mundo e da leitura, não conseguem construir
33 um discurso sobre a obra lida.

34 Assim pôde-se perceber pelas respostas dos entrevistados que
35 existe uma rachadura na capacidade de interpretação de textos, quando se
36 trata de gêneros mais exigentes ou dotados de recursos que fogem à nor-
37 malidade dos intérpretes menos acostumados a uma leitura feita por um
38 modo analítico. Conclui-se que a leitura e a interpretação vêm sendo tra-

1 balhadas de forma mecânica e pouco ligadas á realidade da leitura e da
2 escrita. Vivemos um momento de frequente exposição à leitura, com
3 muitos livros e textos em diversos canais, porém a técnica para decifrar a
4 leitura está ficando de lado, principalmente nas universidades, que deve-
5 ria ser o lugar onde pretensos professores aperfeiçoassem sua habilidade
6 de leitura e interpretação de textos. Como nos mostra por fim Eliane Yunes
7 (1995):

8 A relação entre ler e prazer tem sido, nos últimos anos, valorizada, depois
9 de décadas em que se falou em criar o hábito da leitura, como se bastasse au-
10 tomatizar um gesto e executá-lo sem maior atenção, como quem, dirigindo um
11 carro, aperta pedais e passa marchas. (YUNES, 1995, p. 1)

12 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

13 BUARQUE, Chico. *O meu guri*. Álbum: Almanaque. Rio de Janeiro,
14 1981. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/66513/>
15 Acesso em: 08 de junho de 2017, 20:31h.

16 COLOMER, Teresa. *La formación del lector literário*. Barcelona: FGSR,
17 1998.

18 _____ . *A formação do leitor literário*. Trad.: Laura Sandroni. São Pau-
19 lo: Global, 2002.

20 FRANÇA, José Marcos de. Os implícitos no ensino da leitura: pressu-
21 postos e subentendidos. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e*
22 *Literatura*, Itabaiana, ano VII, vol.16, p. 61-75, jul-dez de 2012.

23 MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. *Leitura e escrita: como aprender*
24 *com êxito por meio da pedagogia por projetos*. São Paulo: Contexto,
25 2009.

26 ROSA, Samuel. *Formato mínimo*. Álbum: Cosmotron. Belo Horizonte,
27 2003. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/skank/70853/> Acesso
28 em: 08-06-2017.

29 SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato*
30 *para o concurso de admissão à carreira de diplomata – português*. São
31 Paulo: Ática, 2001.

32 YUNES, Eliane. Pelo avesso: a leitura e o leitor. *Letras*, Curitiba: UFPR,
33 n. 44, p. 185-196, 1995. Disponível em:
34 <https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3051/Leitura_e_leitorYUNES.pdf>.